O nosso ponto de vista

No interesse da paz e da cooperação

Comentários e opiniões
sobre a Declaração
do governo soviético
de 28 de Maio de 1983

Indice

Teor da Declaração do governo soviético de 28. Maio. 83

Comentários e opiniões:

Jornal «Neues Deutschland» de 30 de Maio de 1983
«No interesse da paz e da cooperação»

Jornal «Tribüne» de 31 de Maio de 1983
«Ainda não é tarde demais para parar»

Jornal «Junge Welt» de 30 de Maio de 1983
«Posições claras na questão decisiva»

Jornal «Bauern-Echo» de 31 de Maio de 1983
«Ao serviço da paz»

Jornal «Neue Zeit» de 30 de Maio de 1983
«Palavras graves num momento grave»

Jornal «Der Morgen» de 30 de Maio de 1983
«Um aviso e uma advertência»

Jornal «National-Zeitung» de 30 de Maio de 1983
«Advertência e saída»

Jornal «Berliner Zeitung» de 30 de Maio de 1983
«Tese soviética em defesa duma viragem a tempo»

Cidadãos da RDA pronunciam-se sobre a Declaração do governo da União Soviética de 28 de Maio de 1983

PANORAMA RDA – Agência de Imprensa para o Estrangeiro
SARL
DDR - 1054 Berlin, Wilhelm-Pieck-Strasse 49
Tradução: Intertext
Editora Zeit im Bild
DDR - 8012 Dresden, Julian-Grimau-Allee
Printed in the German Democratic Republic
by Grafischer Grossbetrieb Völkerfreundschaft Dresden
3256 - 11

Declaração do governo soviético

A instalação de novos mísseis nucleares norte-americanos de médio alcance no território da Europa Ocidental, prevista para os finais de 1983, é parte integrante dos esforços da Administração dos EUA com vista à obtenção da superioridade militar. Podendo atingir alvos no interior do território da União Soviética, estes mísseis destinam-se a complementar directamente o arsenal estratégico-nuclear dos EUA e a alterar a actual paridade regional e global a favor do Ocidente. O estacionamento dos referidos engenhos conduziria a uma séria modificação da situação existente na Europa, agravaria bruscamente a contraposição nuclear e aumentaria o perigo de deflagração de uma guerra.

Em todas as negociações directa ou indirectamente relacionadas com a contenção da corrida aos armamentos, a Administração dos EUA segue uma linha obstruccionista e não construtiva. Isto diz respeito ao comportamento dos EUA nas conversações de Genebra, de Viena, de Madrid e noutros foros internacionais.

A posição dos EUA nas conversações soviético-americanas sobre a limitação e a redução dos armamentos estratégicos não está orientada para a consecução de um acordo honesto, mas para a obtenção de vantagens militares unilaterais, propondo a redução dos armamentos mais modernos da parte soviética, e, além disso, em quantidades muito superiores à parte norte-americana. Washington não esconde a sua intenção de manter praticamente intactas as bases do seu arsenal nuclear e os vastos programas de colocação dos mais modernos meios estratégicos, inclusive os mísseis cruzeiro de todo o tipo de estacionamento. As propostas norte-americanas nas conversações sobre a limitação e a redução dos armamentos estratégicos estão, na realidade, viradas para a posterior instigação – e não a contenção – da corrida aos armamentos estratégicos em

todas as direcções que os Estados Unidos consideram vantajosas para si.

Dado que a elaboração, a produção e o emprego de novos armamentos estratégicos norte-americanos de estacionamento terrestre, marítimo e aéreo ameaçam, cada vez mais seriamente, a segurança da URSS e dos seus aliados, a União Soviética é obrigada a adoptar medidas adequadas com vista ao reforço da sua capacidade defensiva, inclusive, através da instalação de novos e correspondentes sistemas de armamento. Tais passos da União Soviética são ditados, na realidade, pela situação gerada e constituem uma resposta às acções dos EUA, tendo a única finalidade de impedir a violação do equilíbrio de forças existente no mundo.

Ao dar estes passos, que a forçaram a dar, a União Soviética reafirma, ao mesmo tempo, o carácter inalterável da sua abordagem de princípio do problema da limitação e redução dos armamentos estratégicos nucleares. Manifesta-se pela redução sensível destes armamentos, em todo o seu conjunto, no interesse do aumento da estabilidade estratégico-militar geral, com a rigorosa observância do princípio da igualdade e da segurança equitativa. As propostas de longo alcance, que a União Soviética apresentou em Genebra a respeito da redução recíproca de vectores estratégicos e de cargas nucleares, são uma boa base para isso.

A União Soviética ocupa uma posição igualmente construtiva quanto à redução dos armamentos nucleares de médio alcance na Europa. Propõe, como se sabe, proceder a estas reduções de modo a que não fique com um único míssil de médio alcance e uma única ogiva a mais do que a Grã-Bretanha e a França, o que seria consideravelmente menos do que a URSS possuia na Europa em 1976, quando ainda não fora iniciada a modernização dos mísseis soviéticos. A União Soviética não pretende ter à sua disposição nenhum avião de médio raio de acção, nem uma única carga nuclear de aviação a mais do que os países da NATO.

Todavia, os Estados Unidos insistem numa solução segundo a qual procederiam em todo o caso, no final de 1983, à instalação dos seus novos mísseis na Europa Ocidental, em complemento aos meios nucleares norte-americanos de estacionamento avançado já instalados nesta região. Conforme estes desígnios, a União Soviética deveria concordar com a sua instalação, e ainda reduzir unilateralmente os seus mísseis de médio alcance, e não só na parte europeia do país, como também na asiática, fechando os olhos aos armamentos norte-americanos análogos, estacionados em grandes quantidades nas regiões do Leste adjacentes às fronteiras do nosso país.

O carácter notoriamente inaceitável de semelhantes propostas é tão evidente, que a sua apresentação pelos Estados Unidos só prova uma única coisa: a explícita falta de vontade de procurar soluções mutuamente aceitáveis com base no princípio da igualdade e da segurança igual.

A União Soviética considera indispensável fazer uma advertência muito inequívoca: se o entendimento sobre a limitação dos armamentos nucleares na Europa, excluindo a instalação de novos mísseis norte-americanos nesta zona, vier a ser torpedeado e se isso redundar numa ameaça adicional à segurança da União Soviética e dos seus aliados, a URSS adoptará medidas de resposta, oportunas e eficazes, também neste domínio.

Se a deliberação dos Estados Unidos e da NATO de instalar novos mísseis norte-americanos na Europa vier a ser materializada, a União Soviética ver-se-á forçada a reconsiderar a sua decisão, tomada no ano passado, de proclamar unilateralmente uma moratória ao futuro desdobramento de armas de médio alcance na Europa. Surgirá ainda a necessidade de levar à prática, com o respectivo entendimento com os outros Estados membros da Organização do Tratado de Varsóvia, outras medidas com vista à instalação de meios adicionais para criar um necessário contrapeso ao crescente arsenal dos meios nucleares norte-americanos de estacionamento avançado na Europa e aos armamentos nucleares pertencentes a outros países membros da NATO. A União Soviética advertiu repetidas vezes que, neste caso, se veria obrigada a adoptar ainda as necessárias medidas de resposta visando o território dos próprios Estados Unidos.

Existe possibilidade de chegar a um entendimento justo nas conversações de Genebra, para tal, contribuiria, sem

sombra de dúvida, a renúncia dos Estados Unidos e da NATO à instalação efectiva de novos mísseis norte-americanos na Europa Ocidental.

A União Soviética declara que ainda há tempo para deter o perigoso agravamento da situação, manifestando-se esperançada em que os Estados Unidos e os seus aliados no quadro da NATO ponderem minuciosamente nas iminentes consequências da implementação dos seus planos de instalar novos mísseis norte-americanos na Europa Ocidental, e que dêem resposta às construtivas iniciativas soviéticas.

Como primeiro passo, o mais fácil e, ao mesmo tempo, eficaz, a dar antes que seja alcançado um entendimento sobre a redução tanto de armamentos nucleares na Europa como de armas estratégicas, a União Soviética propõe, mais uma vez, o congelamento quantitativo destes armamentos e a limitação, ao máximo, da sua modernização qualitativa.

O dever de todos os Estados é encontrar uma resolução das tarefas primordiais da limitação e da redução dos armamentos, sobretudo, nucleares, e regressar ao desanuviamento, tanto político como militar. Exigem-no os interesses de todos os povos e Estados, independentemente da sua posição geográfica, do seu sistema sócio-económico e da sua filiação num ou noutro grupo ou corrente política.

No interesse da paz e da cooperação

A recente declaração do governo da União Soviética acerca dos passos necessários neste momento a fim de se inverter o andamento pernicioso das relações internacionais originado pela política de rearmamento da NATO, e em particular dos EUA, encontra o total apoio da República Democrática Alemã. O Comité Central do PSUA, o Conselho de Estado e de Ministros da RDA têm vindo a frisar, nos últimos tempos, em concordância com o povo da RDA, que para se poder assegurar a paz e a cooperação entre Estados de regimes sociais diferentes é chegado o momento de substituir o rumo de confrontação e de rearmamento percorrido pelos círculos imperialistas mais agressivos, sobretudo dos EUA, pela revivificação da política de desanuviamento. Que ainda não é tarde demais torna-se particularmente óbvio através da análise apresentada na declaração da União Soviética sobre a situação internacional e a sugestão nela contida para uma saída da mesma. Não há dúvida alguma que serviria a paz, a segurança, assim como a cooperação entre os Estados de diferentes sistemas sociais se não só a República Democrática Alemã, mas também a República Federal da Alemanha lutasse pela conclusão dum acordo entre o Pacto de Varsóvia e a NATO sobre a renúncia recíproca ao uso da força e à manutenção de relações pacíficas e por se chegar nas negociações de Genebra a um acordo tanto sobre o número dos mísseis de médio alcance, à disposição de cada uma das partes, como sobre o número de ogivas dos mísseis com base em terra e no ar.

A declaração do governo da União Soviética abre a possibilidade para a limitação do armamento e o desarma-

mento e, consequentemente, para eliminar o perigo dum inferno nuclear. Chama a atenção da opinião pública para uma das questões mais candentes do nosso tempo que representa um grande perigo para a paz e a humanidade: a instalação de novos mísseis nucleares americanos de médio alcance planeada para fins de 1983 no território da Europa Ocidental. Lançados a partir dos países euro-ocidentais da NATO, estes mísseis podem atingir a fundo objectos situados no território da URSS. Deverão servir de complemento ao arsenal de armas nucleares estratégicas dos EUA e para modificar a favor do Ocidente o equilíbrio regional e global. Por conseguinte, o estacionamento transformaria gravemente a situação no nosso continente, agravaria rapidamente a confrontação nuclear e aumentaria o risco do desencadeamento duma guerra.

O governo soviético reafirma a sua inalterável posição de princípio de que tem que ser alcançado uma profunda redução das armas nucleares estratégicas em toda a sua complexidade, para aumentar a estabilidade geral estratégico-militar sendo estritamente cumprido o princípio da igualdade e da segurança igual. As trascendentes propostas soviéticas nesse sentido encontram-se, com é sabido, em Genebra sobre a mesa de negociações.

No tocante às armas nucleares de médio alcance na Europa, também existe uma proposta soviética construtiva para a sua redução segundo a qual a URSS não disporá de mais mísseis e ogivas deste tipo do que a Grã-Bretanha e a França. Isso seria significativamente menos do que a URSS dispunha em 1976, antes da modernização dos seus mísseis. E a União Soviética tampouco quer ficar com um avião de médio alcance que seja, com um engenho nuclear transportado em avião a mais em relação aos países da NATO.

Washington por sua vez quer, custe o que custar, começar em fins deste ano com a instalação dos seus novos mísseis na Europa Ocidental, adicionalmente aos engenhos nucleares de posição avançada já existentes neste zona. A expressa má-vontade dos EUA em chegar a um acordo está bem explícita no facto de *ousarem exigir* da URSS que dê não só o seu assentimento *mas também que* reduza unilateralmente as suas armas nucleares – e *isto* não só na

parte europeia, mas também na parte asiática do país, sem levar em consideração os correspondentes sistemas de armas dos EUA instalados em grande número nas zonas limítrofes. Na sua declaração o governo soviético sublinha que, perante o perigo que representam para a União Soviética e os seus aliados o desenvolvimento, a produção e a instalação de novas armas estratégicas americanas, enfrenta a necessidade de tomar contramedidas para reforçar a capacidade defensiva, nomeadamente através da instalação de novos sistemas estratégicos correspondentes.

Se se der início, segundo a resolução dos EUA e da NATO, à instalação na Europa de mísseis de primeiro golpe dos EUA, a URSS seria obrigada a rever a sua moratória unilateral sobre o estacionamento posterior de armas de médio alcance na parte europeia da União Soviética. Nesse caso, também seria necessário, em coordenação com os Estados membros do Tratado de Varsóvia, concretizar outras medidas sobre a instalação de meios adicionais que contrabalançasse devidamente a crescente acumulação de armas nucleares dos EUA avançadas na Europa e de armamentos nucleares dos outros países da NATO. Tais contramedidas, conforme adverte o governo soviético, seriam também necessárias em relação ao próprio território dos EUA.

A URSS, a RDA e outros países irmãos referiram no passado com gravidade e ênfase as consequências resultantes do rearmamento da NATO. Todos estes passos seriam logicamente ditados pela conjuntura realmente surgida. Seriam respostas às realidades que os EUA e os seus aliados da NATO, estão em vias de criar. O único objectivo da União Soviética sempre consistiu em não permitir, no interesse da paz, uma destruição do equilíbrio de forças existente. A declaração do governo soviético volta a reafirmá-lo.

Quanto à RDA, Erich Honecker afirmara durante a sua visita de amizade a Moscovo: «Apoiamos expressamente a actuação de princípio da URSS nas negociações de Genebra com os EUA. Também através da proclamação duma chamada solução intermédia, tão enganosa como a solução-zero e orientada para o desarme unilateral da União Soviética, e por isso inaceitável, Washington limitou-se a demonstrar uma vez mais a sua obstrução. Há que exigir que a Administração norte-americana assuma finalmente

uma atitude que possibilite um acordo em que se leve em consideração os interesses legítimos da *União Soviética* e dos demais Estados do Tratado de Varsóvia.

Em consonância com a União Soviética, a RDA manifesta a esperança de que não seja tarde demais para frear o perigoso agravamento da situação. Os EUA e os seus aliados da NATO deviam ponderar cuidadosamente as consequências que resultariam necessariamente da realização dos seus planos de instalação de novos mísseis americanos na Europa Ocidental. Seguiriam um bom conselho se reagissem construtivamente às propostas soviéticas construtivas. Rumo a um acordo sobre a redução tanto de armas nucleares na Europa como de armas estratégicas, a União Soviética propõe de novo como primeiro passo mais fácil de realizar e ao mesmo tempo mais eficaz, que se congele quantitativamente estas perigosas armas e se limite ao máximo a sua modernização qualitativa.

A declaração do governo soviético testemunha uma vez mais que a União Soviética, na sua política, toma sempre e inalteravelmente como ponto de partida de que todos os Estados são obrigados a procurar soluções para a redução e limitação dos armamentos, sobretudo dos nucleares. Trata-se de regressar à via do desanuviamento, tanto político como militar. Tal posição situa-se dentro dos interesses de todos os povos e Estados, independentemente das regiões do mundo em que se situem e em que regimes sociais vivam, independentemente das correntes ou grupos políticos a que pertençam.

(Jornal «Neues Deutschland» de 30. 5. 1983)

Ainda não é tarde demais para parar

Com a sua declaração de sábado, o governo soviético lançou novamente um sinal bem visível em relação à preservação da paz. Desde há anos que um sem número de propostas da URSS têm dado aos parceiros de negociações no Ocidente um nítido sinal «verde» na via da limitação dos armamentos e do desarmamento. Mas, até ao momento, e muito particularmente nos últimos anos de escalada armamentista da NATO, não se levou ainda em Washington em consideração as ofertas soviéticas. O rumo destrutivo dos EUA nas negociações de Genebra – como também em Viena e em Madrid – ou em todas os demais foros internacionais é disso expressão eloquente.

Um exemplo da expressa má-vontade dos EUA quanto a um acordo são, sobretudo, as «soluções» irrealistas e falhas de bom-senso propostas por Washington em Genebra. Com a «solução intermédia», tão elogiada no lado ocidental, não se exige apenas da URSS um consenso quanto aos novos mísseis americanos dos EUA na Europa Ocidental. Não, exige-se igualmente de Moscovo a redução das suas próprias armas nucleares de médio alcance. «Obtenção de vantagens militares unilaterais», chama o governo soviético pelo seu nome a esta atitude na sua declaração.

O impedimento consequente dum acordo sobre a limitação das armas nucleares na Europa constitui, sem dúvida alguma, um perigo adicional para a segurança da URSS e dos seus aliados no Tratado de Varsóvia. O governo de Moscovo dá a entender claramente que a concretização da resolução de Bruxelas sobre os mísseis obrigaria a URSS a tomar contramedidas eficazes. Isto não só se limitaria apenas a uma revisão da resolução da União Soviética aprovada no ano passado sobre uma moratória unilateral, mas incluiria também eventualmente a instalação de meios adicionais para «criar o contrapeso necessário à crescente acumulação de armas nucleares dos EUA em posição avançada na Europa e aos armamentos nucleares dos outros países da NATO. Conforme foi advertido várias vezes pela parte sovié-

tica, deverão ser tomadas também as contramedidas necessárias em relação ao território dos próprios EUA.»

A recente declaração do governo soviético evidencia também que ainda não é tarde demais para fazer parar o perigoso agravamento da situação. Isto não só exigiria dos países da NATO uma análise cuidadosa das consequências que resultariam dos seus planos de estacionamento, mas também uma reacção construtiva às propostas da URSS. O tempo urge.

(Jornal «Tribüne» de 31. 5. 1983)

Posições claras na questão decisiva

A declaração governamental da União Soviética, publicada no sábado no jornal «Pravda», encontrou um vivo eco no mundo inteiro. Foi saudada pelas forças cuja política aponta desde sempre para a preservação da paz; despertou mal-estar junto de todos aqueles, sobretudo no âmbito da NATO, cujos perigosos planos se opõem a esse processo. A URSS voltou a manifestar com toda a clareza a sua posição na questão da planeada instalação de novos mísseis nucleares de médio alcance americanos, bem como de armamentos estratégicos, sublinhando:

- A URSS concorda em reduzir estas armas na condição de não dispor de mais mísseis de médio alcance nem de mais ogivas do que a França e a Grã-Bretanha juntas.
- A URSS não reivindica um único avião de médio alcance que seja, nem uma única carga nuclear de aviação a mais em relação aos países da NATO; ambas as coisas naturalmente no mais baixo nível possível.
- A URSS volta a propor o congelamento quantitativo destas armas e a limitação ao máximo da sua modernização qualitativa, até que se chegue a um acordo sobre a redução. Tais ofertas foram apreciadas por todas as forças realistas do mundo como actuais, razoáveis e sobretudo como servindo os interesses da paz – também porque tais ofertas não só criam verdadeiras possibilidades para um desarmamento atómico, como não tocam de forma alguma o equilíbrio de forças existente.

A RDA sempre apoiou a política de paz da URSS. Durante a sua recente visita de amizade à URSS, Erich Honecker declarou que o nosso Estado compartilha plenamente da actuação de princípio da União Soviética nas negociações de Genebra. Ambas as partes também concordaram que uma insistência do Ocidente nas suas exigências contrárias a todo o bom-senso teria e terá de conduzir a contramedidas por parte da URSS, da RDA e dos demais Estados do Tratado de Varsóvia.

Assim, o nosso SIM ao novo apelo de paz vindo de Moscovo compreende também a nossa adesão a todas as medidas necessárias que impeçam a destruição do equilíbrio de forças, no interesse da preservação da paz. Todos os nossos esforços apontam para não permitir ao imperialismo qualquer tipo de supremacia e para cortar o caminho a todos os seus planos agressivos, disse Erich Honecker há alguns dias atrás durante uma visita a unidades do Exército Soviético.

A União Soviética volta a referir inequivocamente na sua declaração que, de forma alguma, é tarde demais para deter a perigosa agudização da situação. Por conseguinte, os EUA e os seus aliados da NATO deveriam ponderar cuidadosamente as consequências que poderá acarretar a realização dos seus planos de instalação de mísseis.

(Jornal «Junge Welt» de 30. 5. 1983)

Ao serviço da paz

Com a sua recente declaração a União Soviética dirigiu ao governo dos EUA e aos seus aliados da NATO palavras graves numa situação grave, reafirmando a sua vontade consequente de paz e advertindo simultaneamente sobre as consequências duma instalação de armas nucleares dos EUA

de primeiro golpe na Europa Ocidental. Esta declaração demonstra de novo a elevada noção de responsabilidade que a URSS vem revelando sempre nas questões relacionadas com a salvaguarda da paz. Chama assim a atenção da opinião pública para uma das questões mais actuais do nosso tempo: o estacionamento de novos mísseis nucleares americanos de médio alcance no território da Europa Ocidental planeado para fins de 1983.

A situação é séria. Faltam apenas alguns meses até ao estacionamento planeado. A administração dos EUA quer a instalação, custe o que custar, tal como o demonstram as negociações de Genebra onde os EUA, como se diz na declaração da URSS, mostram expressamente a sua má-vontade. Face a esta situação, a União Soviética ergue de novo e com veemência a sua voz e exige dos EUA e dos Estados da NATO que renunciem a um deslocamento da correlação de forças. É de novo a URSS que, com as suas propostas construtivas, aponta o caminho para fazer deter o pernicioso andamento nas relações internacionais, originado pela política de confrontação e de rearmamento dos EUA e da NATO, e invertê-lo rumo ao desanuviamento político e militar.

Por outro lado, a União Soviética não deixa dúvidas de que terá de tomar contramedidas, nomeadamente a instalação de novos sistemas estratégicos análogos, no caso de estacionamento de novos mísseis nucleares dos EUA.

A mais recente tese de defesa da União Soviética a favor da paz tem o pleno apoio do governo da RDA, de todos os cidadãos da nossa República. Lado a lado com todas as forças do mundo amantes da paz, a população da RDA espera finalmente uma reacção positiva dos EUA e dos seus aliados da NATO.

(Jornal «Bauern-Echo» de 31. 5. 1983)

Palavras graves num momento grave

A declaração do governo soviético publicada pelo jornal «Pravda» no fim-de-semana representa sem dúvida uma séria advertência – uma advertência à Administração dos EUA para que desistam da sua ganância de superioridade militar e deixem de uma vez para sempre a calamitosa via da corrida aos armamentos, no fim da qual a humanidade inteira fica exposta à ameaça de um holocausto nuclear. Um perigosos marco nesta senda à beira do precipício é, segundo parecer soviético, o estacionamento planeado para fins de 1983, de novos mísseis nucleares de médio alcance americanos no território da Europa Ocidental. É que estes mísseis, – conforme consta da declaração da URSS – «podem atingir objectos no interior da União Soviética, e deverão complementar directamente o arsenal estratégico-nuclear dos EUA e modificar a favor do Ocidente o equilíbrio regional e global existente».

Mas estar-se-ia a referir apenas parte da verdade se se pretendesse meramente polemizar com as contramedidas previstas para consolidação da capacidade de defesa da URSS e dos seus aliados, as quais são ditadas à União Soviética pela situação efectivamente surgida. Pois a par da proclamação do estacionamento de novos sistemas estratégicos análogos, bem como da – em consenso com os Estados membros do Tratado de Varsóvia – criação eventual de meios adicionais (como contrapeso às armas nucleares dos outros países da NATO), estão contidas na declaração do governo soviético também propostas orientadas consequentemente para um desanuviamento da situação actualmente tão agudizada.

Resta esperar que os responsáveis dos EUA e dos demais países ocidentais compreendam a gravidade e o ênfase destas palavras. Não há mais tempo para manobras enganosas e truques de ilusionismo!

(Jornal «Neue Zeit» de 30. 5. 1983)

Um aviso e uma advertência

O governo soviético dirigiu-se no fim de semana à opinião pública com uma declaração política de grande importância em que censura o rumo perigoso e ameaçador para paz mundial do governo de Reagan, o qual com o estacionamento de novas armas nucleares de médio alcance na Europa Ocidental quer transformar a favor do Ocidente o equilíbrio regional e global existente.

Como testemunha a História, o povo soviético nunca apontou a espada ao peito de ninguém. Os passos e recentes propostas citados na declaração, acerca da redução e contenção da corrida aos armamentos, acerca da limitação e redução de tão perigosas armas salientam que na URSS a paz sempre foi o decreto número 1. Mas que ninguém interprete o seu amor à paz como fraqueza!

Vista desta maneira, a declaração soviética do fim de semana constitui também uma exortação caracterizada por gravidade e preocupação pela paz no mundo e pela existência futura do ser humano. Se – diz-se nesta declaração – os EUA impedirem um acordo sobre a limitação das armas nucleares na Europa, se se concretizar o estacionamento de novos mísseis americanos nesta zona, a União Soviética tomará a tempo contramedidas eficazes.

Também o povo da RDA dá o seu pleno apoio à declaração do governo soviético. Exige energicamente a renúncia ao estacionamento de novos mísseis nucleares americanos de médio alcance no território da Europa Ocidental e o retorno ao rumo de desanuviamento político e militar. Espera do Ocidente uma atitude positiva.

(Jornal «Der Morgen», de 30. 5. 1983)

Uma advertência e uma saída

A União Soviética advertiu mais uma vez e com a urgência que cabe à gravidade do momento. Ainda não é tarde demais para fazer parar o agravamento perigoso da conjun-

tura internacional resultante do planeado estacionamento de novos mísseis nucleares americanos de médio alcance na Europa Ocidental, assim como do desenvolvimento, produção e colocação em funcionamento de novas armas estratégicas dos EUA.

Comentadores e observadores políticos em todo o mundo colocam isto no centro das suas reflexões sobre a importante declaração do governo soviético publicada no sábado. Todos aqueles que querem sinceramente manter o equilíbrio regional e global existente, impedir, caso esse equilíbrio seja quebrado pelos EUA, um perigoso agravamento da confrontação nuclear, e que se opõem deste modo com uma política eficaz a um maior risco de deflagração duma guerra, apoiam plenamente o apelo responsável e de advertência de Moscovo. Merece toda a consideração a atitude construtiva do governo soviético que, com cada letra da sua declaração, põe literalmente tudo o que é necessário no prato que tende para a paz da balança das decisões da política mundial deste ano de 1983.

O governo soviético advertiu e indicou simultaneamente a saída desta complexa e perigosa situação actual com o conteúdo da sua declaração, que corresponde aos interesses de paz e de segurança de todos os povos. Os cidadãos da nossa República, como os dos demais países irmãos, identificam-se profundamente com o conteúdo desta declaração. As forças da paz no mundo inteiro são por ela encorajadas. Exigem agora a esperada reacção positiva do Ocidente.

(Jornal «Nationalzeitung» de 30. 5. 1983)

Tese soviética em defesa duma viragem a tempo

Faltam poucos meses até à data do estacionamento, planeado pela Administração dos EUA apesar de toda a oposição registada, de novos mísseis nucleares de médio alcance na Europa Ocidental. Escasseia cada vez mais o

tempo para se impedir esta medida que representa um aumento do risco de deflagração duma guerra. As possibilidades de se fazer valer, nas negociações de Genebra, Viena e Madrid, a contenção da corrida aos armamentos vão-se desvanecendo cada dia que o governo dos EUA prossegue com o seu rumo destrutivo e não desiste dos seus desígnios de ganhar vantagens militares unilaterais.

Face a esta situação, o governo soviético, partindo da sua constante posição construtiva, ergueu mais uma vez veementemente a sua voz, exortando os Estados da NATO a renunciarem a um deslocamento da correlação de forças. A instalação dos novos mísseis nucleares de médio alcance americanos, pode-se ler numa declaração publicada no fim-de-semana, coloca a União Soviética perante a necessidade de tomar contramedidas, nomeadamente através da colocação de novos sistemas estratégicos análogos.

A declaração tem deparado até agora com um forte e positivo eco à escala internacional. A população da RDA saúda-a, pois o documento mostra bem com quanta noção de responsabilidade a União Soviética aborda as questões de paz e segurança que nos inquietam a todos. Mais uma vez é ela que indica uma saída do perigoso agravamento da situação internacional para que os círculos mais agressivos da NATO empurraram o mundo com a sua política de armamento em grande escala. Ao mesmo tempo, os cidadãos da RDA compreendem e apoiam a posição soviética segundo a qual não ficará sem resposta o estacionamento de novos mísseis americanos, e que ela exija, em consenso com os Estados membros do Tratado de Varsóvia, contramedidas que afectem tanto a Europa Ocidental como também o território dos EUA.

Lado a lado com todas as forças amantes da paz, a população da RDA espera agora finalmente uma reacção positiva dos EUA e dos seus aliados na NATO.

(Jornal «Berliner Zeitung» de 30. 5. 1983)

Cidadãos da RDA pronunciam-se sobre a Declaração do governo da União Soviética

Encontrou um amplo consenso junto dos cidadãos da RDA a Declaração do governo da União Soviética acerca das consequências que resultariam para a URSS e os seus aliados no caso do estacionamento de novos mísseis nucleares de médio alcance na Europa Ocidental. Em discussões e conversas acentua-se unanimemente que ressalta de cada frase desta Declaração o grande amor pela paz e a elevada noção de responsabilidade da União Soviética face aos interesses vitais da humanidade. Reivindica-se dos países da NATO que aceitem as construtivas ofertas de paz soviéticas, antes que seja tarde demais.

Wolfgang Strehlow, mecânico de automóveis no complexo Autotrans de Berlim:

«Li com atenção a declaração do governo soviético e a correspondente tomada de posição da RDA no jornal «Neues Deutschland» a que dou a minha adesão sincera. Até agora o governo americano de Reagan não tem reagido de forma estimulante às numerosas propostas de desarmamento da União Soviética e dos demais países socialistas. Cresce a minha inquietação – que compartilho com os meus colegas – em relação aos passos planeados para o estacionamento de novos mísseis americanos. Porque não é com estes que se alcança a salvaguarda da paz na Europa, mas tão só a sua insegurança. Mísseis americanos estacionados na Europa Ocidental dirigem-se não só contra os resultados do nosso trabalho como também contra a vida dos meus dois filhos. Por isso – se forem

estacionados na RFA e nos outros quatro Estados da NATO – isso não pode deixar de ter consequências.»

Colectivo do supermercado Karl-Marx-Strasse, Bernau:

«A declaração demonstra a grande responsabilidade pela salvaguarda da paz no mundo. Por isso a apoiamos sem reservas e exortamos o governo dos EUA a levar a cabo negociações sinceras para redução das armas nucleares.»

Heinz Pilotek, cooperativa de produção agrícola «Deube», Nahwinden:

«Com grande preocupação vejo que, apesar do protesto de milhões de pessoas, os EUA e os seus aliados da NATO querem começar ainda neste ano o estacionamento de novas armas nucleares americanas de médio alcance na Europa Ocidental. Isso não deverá acontecer! Como camponeses cooperativistas queremos continuar em paz a arar, semear e fazer as colheitas nos nossos campos. Tenho agora 56 anos de idade e lembro-me bem dos campos devastados e aldeias destruídas depois da Segunda Guerra Mundial. Será que tudo o que construímos com tanto esforço deverá ser destruído em poucos segundos? Por isso li com muito interesse a mais recente declaração do governo soviético acerca do estacionamento planeado de novas armas norte-americanas de médio alcance na Europa Ocidental. Apoio totalmente as propostas soviéticas porque constituem um verdadeiro ponto de partida para negociações sinceras. Mas também apoio as consequências anunciadas – há que manter o equilíbrio militar.»

Eckard Hein, estabelecimento de construção de técnica agrícola, Schönow:

«A União Soviética não pôde dar outra resposta ao estacionamento previsto de mísseis dos EUA na Europa. No interesse da salvaguarda da paz os países socialistas devem manter o equilíbrio militar embora isso exija enormes gastos adicionais.»

Andrea Becker, aprendiz na herdade estatal de produção pecuária, Neuenhagen:

«A União Soviética disse claramente e com plena seriedade na sua mais recente declaração o que se deve fazer agora e sem delongas no interesse da paz. O facto de o governo do meu país exprimir o seu consenso quanto a isto encontra o meu pleno apoio. Ainda sou jovem e tenho muitos planos para o futuro. Em Outono começo os estudos superiores, depois quero ser uma boa médica veterinária. Gosto da vida que terei no futuro. Mas ela também só poderá concretizar-se em paz, por isso dou o meu apoio a esta declaração.»

Brigada III, empresa indústria alimentar no complexo industrial de comércio a grosso de mercadorias de primeira necessidade, Berlim:

«Saudamos esta importante declaração da União Soviética. Não deixaremos que a NATO nos pressione e continuaremos a fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para salvaguardar a paz. Isto também pode significar a necessidade de estacionar mísseis no nosso território.»

Monika Fettke, escola secundária n.º 107 de Dresden:
«Saúdo as medidas que serão tomadas no caso da instalação dos mísseis de médio alcance, porque não podemos aceitar uma supremacia militar da NATO. Isto aumentaria o perigo duma guerra. Os passos anunciados servem a preservação da paz.»

Ina Beulshausen, educadora no jardim infantil, Berlim-Köpenick:

«Em Julho vou dar à luz o nosso segundo filho. Tal como o seu irmão e todas as crianças do nosso país deverá crescer feliz e em paz. Isto só será possível através da política de paz e da política social do nosso Estado. E assim deverá continuar a ser no futuro. Para que ninguém nos prive dessa perspectiva estou pronta a fazer o meu melhor todos os dias para ajudar a manter a paz. Nisso se compreende

o meu acordo à declaração do governo da União Soviética, bem como o meu SIM às consequências, no caso da instalação dos Pershing II e Cruise Missiles na Europa Ocidental.»

Gunter Mieth, estudante de indústria alimentar na Universidade Humboldt de Berlim:

«Sou estudante e no futuro quero aplicar os conhecimentos adquiridos agora – sem medo de que os frutos do meu trabalho, tal como eu, possam ser eliminados numa guerra nuclear. Por isso declaro o meu total acordo quanto à declaração da União Soviética de 28 de Maio deste ano. Tanto quanto me lembro desde que reflicto em problemas politicos tem sido sempre a União Soviética quem tem apresentado múltiplas iniciativas no sentido da limitação dos armamentos, com vista ao desarmamento. Se agora se vê obrigada, para se proteger e aos seus aliados, a tomar contramedidas que façam frente ao estacionamento de novos mísseis norte-americanos na Europa Ocidental ninguém pode incriminá-la. Também agora ela mantém as suas propostas acerca da redução das armas nucleares estratégicas e das armas nucleares de médio alcance.»

Drª Barbara Franz, médica, Berlim:

«São 12 horas menos 5 minutos. Não sou só eu quem tem medo. Todos os homens que conheço compartilham comigo das preocupações pela salvaguarda da paz. Por isso foi com grande satisfação que tomei conhecimento da declaração do governo soviético. A União Soviética quer a redução do arsenal das armas que podem liquidar, por várias vezes, toda a vida na terra. Apresenta em Genebra propostas concretas. Mas não ficará de braços cruzados se os EUA impuserem a instalação planeada de novos mísseis nucleares no território da Europa Ocidental. Esta atitude da União Soviética e o consenso do meu governo a este respeito enchem-me de esperança. Guerra significa doenças e assassínios. Sou médica por vocação. Aos meus clientes doentes gostava de garantir uma vida digna e de proteger a sua saúde. Declaro o meu total apoio aos passos da União Soviética.»

Christian Raßmann, pastor, Beneckenstein/Harz:

«É com crescente preocupação que verifico quais os objectivos da política militar dos EUA: negando cinicamente a vontade dos povos a viver em paz, o governo de Reagan procura intencionalmente um conflito atómico com os países socialistas. Todas as propostas da União Soviética para o desarmamento se caracterizam por uma paciência activa e uma responsabilidade indubitável na defesa da paz. Mas também se reconhece claramente na declaração de 28 de Maio de 1983 que os países do Tratado de Varsóvia, com a União Soviética na sua dianteira, jamais admitirão a supremacia atómica dos EUA. O socialismo precisa da paz e a União Soviética dispõe de força suficiente para assegurá-la. Como cristão e pastor tenho de cumprir a missão de promover a paz. Uma parte desta missão consiste para mim em apoiar todas as iniciativas convincentes no sentido do desarmamento. A declaração de 28 de Maio evidencia-me de novo que o governo soviético quer alcançar a paz.»

Dr. Ulrich Röhl, secretário-geral da União dos Juristas da RDA:

«Posso dizer por mim e pelos meus colegas que nós, os juristas, apoiamos totalmente as propostas actuais de paz do governo soviético. Desmascara-se na declaração convincentemente o rumo destrutivo do governo dos EUA e exortam-se os Estados e povos do mundo a não admitirem um agravamento posterior da situação. A iniciativa de fazer parar o perigo da guerra partiu de novo da União Soviética. Por isso apoiamos esta declaração e queremos actuar no sentido de contribuir para a sua eficácia.»

Prof. Dr. sc. med. Konstantin Spies, Director da Academia de Aperfeiçoamento dos Médidos da RDA:

«Acho que é o momento oportuno para que o governo da URSS, em concordância com os Estados socialistas aliados,

chame a atenção para a seriedade extrema da situação provocada pela política da Administração Reagan. Também é correcto que dela ressalte o seu propósito de não se deixar transformar em objecto da chantagem que deveria ser posta em cena pela supremacia estratégica, a que os EUA aspiram. Como médico e quadro na política de saúde da RDA já exprimi também no passado em muitos encontros da organização mundial da saúde este ponto de vista a respeito da política americana de rearmamento e o grave perigo que ela representa para a paz no mundo. Tal é a minha posição também como membro do Comité dos cientistas da RDA em questões da salvaguarda da paz e para o desarmamento, e também como membro do Comité da RDA dos médicos para impedir uma guerra nuclear. Por outro lado é inerente à minha ética profissional que eu, como médico e cientista, levante a voz contra a política do imperialismo, inimiga do Homem, e que utilize todas as forças ao meu alcance para servir a defesa da vida e fortalecer as forças da paz na RDA.»

PANORAMA DDR